

A linguagem do poder no programa de rádio

DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v1i1.1550>

GERALDO RODRIGUES DA SILVA

Abstract

In this article, I analyse interactions in radio discourse with reference to power relations. The results show that there are differences in the use of power which depend on: (i) participants' roles; (ii) the AM/FM bands; (iii) the type of program in which the interaction occurs; and (iv) the institutional aspect of the radio in relation to the listeners.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar o discurso radiofônico. Para isso, examino a interação locutor-ouvinte por telefone e a interação locutor-entrevistado. A análise apresentada mostra diferenças consideráveis entre esses dois tipos de interação quanto às relações de poder. Também mostra que essas relações se dão de modo diferente nas faixas AM e FM.

O trabalho está dividido em três partes. Na primeira, "Discurso, contexto social e poder", delimito conceitos. Na segunda, "A interação locutor-ouvinte-entrevistado", mostro os aspectos discursivos e contextuais mais relevantes nos dados acerca das relações de poder no programa de rádio. Na conclusão, comento os resultados da análise em termos do caráter institucional do rádio.

Os dados se compõem: (i) de gravações de conversas entre locutor-ouvinte por telefone e locutor-entrevistado em programas das rádios brasilienses entre 20 de fevereiro e 27 de março de 1989; (ii) de entrevistas realizadas com doze locutores que participaram das gravações; e (iii) da literatura a respeito do assunto.

As rádios procuram atrair ouvintes pela programação musical, entrevistas, conversas no ar e informativos. Todas essas formas de transmissão têm algo em comum: procuram refletir o ouvinte pelos seus gostos, interesses ou, particularmente, por traços lingüísticos e discursivos que se referem à sua identidade social. Este trabalho tenta explorar principalmente a parte da programação dedicada à fala.

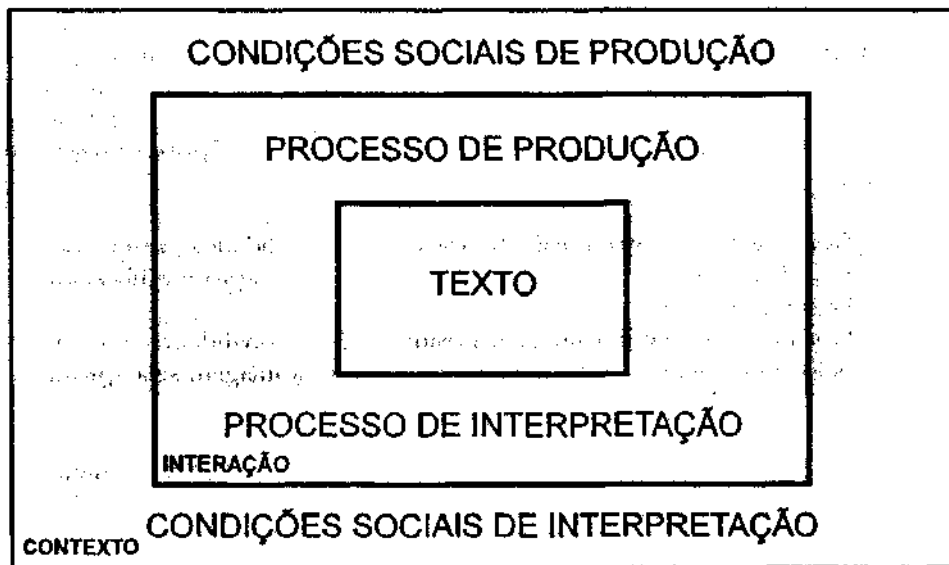
2. Discurso, contexto social e poder

Neste trabalho, considera-se fundamental para a compreensão do sentido dos enunciados a situação imediata (o ambiente) e o contexto social mais amplo (a

formação social e ideológica). O local por excelência para o estudo dos enunciados é a interação social, em que se tem acesso à troca lingüística entre sujeitos produtores e intérpretes, nas suas respectivas posições. O discurso apresenta marcas do *status* desses sujeitos e das relações sociais entre eles.

Fairclough (1989) aborda essa questão, sugerindo que o discurso envolve condições sociais que podem ser especificadas como condições sociais de produção e condições sociais de interpretação. As condições discursivas relacionam-se a três níveis distintos de organização social: (i) nível da situação social ou o ambiente social imediato no qual ocorre o discurso; (ii) o nível da instituição social que é uma matriz ampliadora para o discurso; e (iii) o nível da sociedade como um todo. Disso resulta o seguinte quadro (ver Fairclough, 1989:25):

Figura 1 - Condições discursivas



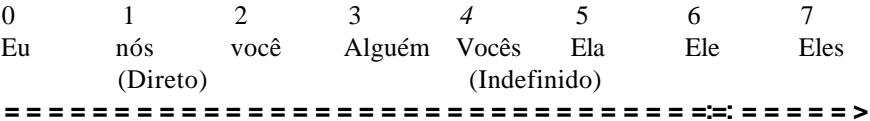
As condições sociais de produção e interpretação dos textos são determinadas pela luta entre posições de sujeito nos níveis da interação, da instituição e da sociedade. Tais posições de sujeito correspondem às identidades sociais, como também à representação que o sujeito tem do lugar que ocupa e do lugar do interlocutor (ver Fairclough, 1989; Orlandi, 1988).

A luta *entre* posições de sujeito faz parte de um quadro social de relações de poder desiguais. A manifestação desse poder se dá de diversos modos. Na interação que ocorre nos programas de rádio, por exemplo, um desses modos é a dominância (Linell, Gustavsson e Juvonen, 1988). Dominar o diálogo é controlar a maior parte do território compartilhado pelas partes, isto é, o espaço interacional, o discurso aprovado e conjuntamente tratado.

Outra manifestação de poder é o uso de pronomes pelos participantes. Maitland e Wilson (1987), por exemplo, localizam os pronomes em um *continuum*

de poder e solidariedade e registram uma relação entre as estratégias de distanciamento entre os participantes e o sistema pronominal. Tal relação pode ser representada desse modo:

Figura 2 - *Continuum* de poder e solidariedade



Distância de si próprio

Cada produtor/intérprete tem uma representação que lhe é própria. Nessa representação, "eu" (e suas variantes "meu", "me" e "mim") é a mais fundamental forma de expressão. As outras representam um processo de distanciamento.

Relacionada ao uso de poder na interação está a noção de "face". Brown e Levinson (1978), adotando a noção de "face" de Goffman (1972), propõem que "face" é a imagem pública que todo membro deseja para si próprio. Consiste em dois aspectos:

- a) face negativa, reivindicação básica de territorialidade, preservação social, direito à não-distração - i.e., à liberdade de ação e à liberdade de imposição;
- b) face positiva, que é a imagem positiva ou "personalidade" reivindicada pelos interagentes, incluindo o desejo que esta imagem seja aprovada e apreciada pelos outros.

Com relação a esta noção, Hodge e Kress (1988) notam que os meios de comunicação de massa desenvolveram sistemas e estratégias de poder e solidariedade na comunicação face-a-face, onde certamente a face positiva e a face negativa dos participantes, no sentido aqui mencionado, entram no jogo de aproximação ou distanciamento/tensão.

Para desenvolver a questão do poder na interação locutor-ouvinte-entrevistado no programa de rádio, proponho examinar também o conceito de marcador conversacional. Magalhães (1988) define marcadores conversacionais como determinadas formas recorrentes na conversa, elementos lingüísticos, paralingüísticos e cinésicos, que servem para estruturar o discurso oral e para sinalizar processos interacionais.

Com base nesses conceitos, pretendo mostrar as relações de poder na comunicação radiofônica.

3. A Interação locutor-ouvinte-entrevistado

Como foi dito antes, os meios de comunicação de massa desenvolveram estratégias de poder na interação face-a-face. Nesta seção, pretendo mostrar essas es-

estratégias em interações por telefone, das quais participam o locutor e o ouvinte, e interação face-a-face nos estúdios das rádios, das quais participam locutor e entrevistado. É importante considerar dois pontos: primeiro, essas estratégias diferenciam-se nas faixas AM e FM. Segundo, elas ocorrem em um esquema triádico, onde os participantes produzem um discurso com marcas de preocupações com o público que ouve a interação.

3.1. AM

3.1-1 Interação locutor-ouvinte por telefone (ILOt)

As relações de poder na ILOt têm como resultado uma situação em que o locutor (L) domina a conversa, no sentido de Linell, Gustavsson e Juvonen (1988), ou seja, é o locutor que controla a maior parte do espaço interacional. L controla a interação, primeiro, porque fala por meio de uma *instituição* que legitima seu papel, conferindo-lhe o *status* de titular do programa; e, segundo, porque o ouvinte (O) participa apenas temporariamente. Portanto, L tem poder sobre a díade aqui examinada.

Por outro lado, L não pode prescindir de uma boa imagem de si e do programa já que o rádio depende da audiência para sobreviver. Na interação com o ouvinte (O), então, L deve manter sua própria face positiva e a de O, pois, caso contrário, a imagem de L fica comprometida com o público, que pode desinteressar-se pelo programa e mudar de estação.

O poder de L na ILOt se manifesta como, por exemplo, em (1).

- (1) 1 L: a ==> cê trais prá mim <*
- 2 O: tragu (+) agora ==> qui hora cê tá aí S
- 3 L: eu tô aqui á tarde v até às seis horas **
- 4 O: só à tarde /
- 5 L: é: ^
- 6 O: eu achu qui eu dia nui ==> eu nu setô graficu **
- 7 L: mais cê /
- 8 O: /mai num tem nada não eu isperu pá tardi **
- 9 L: tá V mais é puquê si si tróssé di com é qui eu vô leva eli ((ri)) ((O ri))
- 10 O: tá bom ** eu levu à tardi ^
- 11 L: tá bom **
- 12 O: si você num fô ==> eu levu >>
- 13 L: tá bom ==> quirida St
- 14 O: tá: *
- 15 L: tá oquei ==> Ângela ** (ILOt 7-2-9)

L tenta encerrar o tópico de O, mas não usa uma fórmula direta como "adeus"; prefere o *marcador conversacional* "querida" (1-13) para indicar indiretamente o fim do tópico. Como O insiste, L usa outra forma semelhante mais direta "Angela" (1-15). Ou seja, em 1-13, L trata O de "querida", que é uma forma menos

O segundo tem como finalidade resolver problemas, conferindo ênfase aos apelos da comunidade. Os entrevistados são autoridades civis e militares que vêm ao programa prestar esclarecimento, ouvir queixas de ouvintes ou resolver seus problemas. Há, neste programa, um sentido de solidariedade humana e um caráter utilitário bem claros. Formas linguísticas autoritárias não cabem bem neste contexto.

O terceiro se dedica a prestar esclarecimentos à comunidade sobre assuntos de interesse social, tais como serviço de bombeiro, atendimento médico, educação e trânsito.

Nessas entrevistas, é comum o uso de uma forma de tratamento que explicita o cargo ocupado por E. O uso de tal forma de tratamento não estabelece distância na interação. É um recurso do programa (e de L) para identificar E para o público durante toda a entrevista. Assim, por exemplo, se L quer discutir problemas da administração de Taguatinga, ele irá tratar E pelo título do seu cargo, seja Diretor da Companhia de Água e Esgoto de Brasília ou Diretor Geral das Pioneiras Sociais ou Administrador, a fim de relacioná-lo com o problema a ser discutido. Ainda assim, L, ao mesmo tempo que identifica E, mostra que E tem conhecimento e experiência para dar informações sobre os problemas. É uma maneira, digamos, de agilizar a conversa, já que o rádio não pode mostrar a imagem de E acompanhada de uma legenda com estas informações.

Nos três programas, os participantes, de um modo geral, se conhecem. Alguns entrevistados já participaram outras vezes do programa ou são visitados constantemente pelos locutores. Este último caso se refere ao segundo e ao terceiro programas citados anteriormente, onde os locutores também exercem a função de repórter e precisam, às vezes, obter informações junto a essas autoridades. Daí a existência de um certo vínculo entre os interagentes.

Portanto, neste contexto, o discurso tende a mostrar formas que exprimem solidariedade. Os interagentes se encontram em uma situação em que (i) estão engajados na mesma ideologia; (ii) objetivam os mesmos fins; (iii) geralmente são conhecidos entre si; e (iv) o caráter de utilidade pública do programa direciona o enfoque do discurso para a comunidade, ou seja, para um elemento exterior aos interesses pessoais dos interagentes. Esta situação delimita um contexto onde as formas que exprimem poder são inadequadas e, portanto, tenta-se suprimi-las da interação. Um exemplo de forma que exprime solidariedade seria "querida". O programa do qual ela foi colhida, reunia pessoas com o mesmo compromisso ideológico. No caso, é um programa cuja tônica é a proteção dos direitos da mulher. Todos os entrevistados direta ou indiretamente tratam deste assunto, observando-se uma identidade entre L e E.

3-2 FM

32.1 ILOt

As relações de poder na ILOt, na faixa FM, ocorrem de modo análogo às da AM, ou seja, têm as mesmas condições sociais de produção, em termos da valori-

zação de L, ao lado de uma preservação da face positiva dos participantes. Mas há dois pontos em que a situação da FM varia. Primeiro, todos os ouvintes entrevistados ouvem só FM ou só AM e têm posições de sujeito diferentes, formando dois grupos, um em cada faixa, mais ou menos coesos. Daí uma relação diferente entre L e O. Segundo, as formas de poder não ocorrem com frequência devido à forma era que se desenvolve a conversa nas rádios da FM. São interações rotineiras, no sentido de serem muito repetitivas, o que habitua O ao tipo de conversa. São estruturalmente simples e curtas. Além disso, o tom é sempre alegre e jovial, o que impede um compromisso ideológico que provoque uma conversa mais longa. Essa estrutura simples evita que haja problemas na comunicação, tais como tomada de turno indevida, fala simultânea ou retomada da conversa por causa de um início inadequado. Evita também o recurso às formas de poder já descritas na parte referente à AM.

Daí a interação voltar-se para o lado da preservação da face positiva dos sujeitos. Nos dados, esta preservação ocorre quando L se vê frente a problemas que, se não resolvidos, revelariam a face negativa de si próprio ou da emissora. Por exemplo, em (4)

(4) 1 L u :: frasi bem curtinha == > ma bem bonita = — > né />

2 O: é \

3 L: lá/

4 O: / cêis mesmus qui falam qui tem qui
sê bem curtinha == >

5 L: é:: == > tem qui sê curta V mais
tem qui sê == > sabi porquê «*
pur causa do nosso tempu V (+)né <*

ÓO:ã

7 L: aí num dá tempu da genti coloca
muita música i eu sei que você
preferi a música == > né nãu «*

8 O: iss aí é N,

9 L: é pois é V cum certeza V então a
genti preferi / coloca música prá
você ovi du qui a pessoa fala aquela
poema == > né «" só falandu uma
frasi curtinha já vali muito u seu
recadu prá seu amor == > né *»

10 O: ã há **

11 L: intãu tá bom **

(ILOt 8-2-5)

O é convidada a dar uma recado amoroso. Após o recado, L o comenta em 4-1, dizendo que foi curto e bonito. O, então revela no ar uma informação de "bastidor", era 4-4, dizendo que a produção da rádio exige como condição que o recado seja curto. Esta informação é dada a O fora do ar, pois ela não pode ser entendida pelo público como uma restrição do ouvinte, o que comprometeria a face

positiva da emissora frente ao público. L, então, contorna o problema de quatro modos: (i) fala sobre a razão dessa condição (4-4 e 4-7); (ii) coloca a emissora ao lado de O (4-7: "i eu sei qui você preferi a música"; 4-9) "intãu a genti preferi / coloca a música prá você ovi du qui a pessoa fala aqueli poema"); (iii) valoriza a frase curta, razão do problema (4-9 "só falandu uma frasi curtinha já vali muito"); e (iv) procura a aprovação de O (4-7 e 4-8; 4-9 e 4-10).

- (5) 1 L:u nomi da música i u nomi du cantor N
 2 O: é u vandu ==> deus ti proteja **
 3 L: deus ti proteja ==> vandu V
 4 0: é \
 5 L: tem certeza S
 6 O: oi *
 7 L: tem certeza **
 8 O: tenhu V ((jingle: "a-->"; tiro e vaias))
 9 L: você esqueceu uma palavra V não tem
 ninguém aí prá dá uma dica prá você
 não /* tá sozinhu <" tem mais uma
 palavrinha na música V vô ti dá mais
 uma chanci **
 10 O: u rádio / u rádio tá muito
 baixu ali **
 11 L: tá muito baixa a ligação **melhorô
 agora S
 12 O: melhora **
 13 L: a ==> intãu ==> deus ti proteja i
 qui mais <* (+) só issu *
 14 0: é \
 15 L: a:: ==> intãu ==> cê perdeu ==>
 grandi Cristóvão Ni
 16 O: u:: S> ((lamentando))
 17 L: é deus ti proteja de mim é u nomi
 da música corretu N, mais valeu pela participação**
 18 O: intãu f o di mim V
 ((L)) oi ^
 ((O)) (+) eu coloquei o di mim V
 19 L: você falo de mim *
 20 O: falei **
 21 L: falo mesmu *
 22 O: falei ==>
 23 L: olha qui tu qui mi dá um sambarilóvi
 ((somebody love, expressão que significa, contrária à tradução,
 "enganação", "truque para enganar")) ==> ei < *
 24 O: não ==> ((ri))
 25 L: mai ==> tudu bem ==> itãu ==> vô dexá passa essa ...
 (ILOt 9-1-15)

L enfrenta um problema: neste programa, se C) responde corretamente o nome da música e o nome do cantor, baseado em um trecho da música que acabou de ouvir, ganha um prêmio. O dá uma resposta errada. L, então, informa que O perdeu o prêmio (5-11) e oferece a resposta correta (5-17). O, depois disto, insiste que respondeu corretamente em 5-18 a 5-22. L, em 5-25, aceita esta observação de O, apesar de ter confirmado com O a resposta errada (5-3 a 5-5; 5-13 e 5-14).

L concede o prêmio a O, apesar de ter certeza que ele não apresentou o nome correto da música. Este procedimento se explica pelo fato de L entender que não conferir o prêmio pareceria negativo para o público, considerando-se a insistência de O. L demonstra ainda desejar que O ganhe algo. Mais tarde, na mesma conversa, O novamente responde errado, mas, mesmo assim, L concede metade do prêmio.

De modo semelhante, ocorre em (6).

- (6) 19 L: atenzãu ==> intãu ==> música di
número um ==> ((roda-se um trecho de
música)) música de número um ==> quau
é Nádia Pires «*
20 O: ifi óf taméki ((radiofonia))
21 L: certu V ipsóu toméki ==> mais com
quem #» (+) sabi u nomi du cantor «*
22 O: náu **
23 L: náu sa bi «*
24 O: náu ^
25 L: eu tô achandu essi ST mei
diffciu pra você ==> mais tudu bem
==> eu vô ti dá uma culhé di chá ==>
ei«*
26 O: ã hã %
27 L: cê acer tô pela metadi vai
valer / nos mau ==> é fritoemitsto-mériqui ==>
(Çfree style it's automatic^l) vô dexá essa passa
==> tá bom y
(ILOt 10-2-1)

O acerta o nome da música quando deveria dizer o nome da música e o cantor. Mas L entende que os seus ouvintes, de um modo geral, têm dificuldade de gravar os nomes dos músicos de língua estrangeira e os nomes dos cantores são mais difíceis ainda, pois, não figuram nas letras das músicas e, conseqüentemente, O não ouve com freqüência, dificultando a memorização. Assim, para não dar a impressão para o público de que existe uma intenção por parte do programa de pôr músicas difíceis para que O erre, L admite a dificuldade (6-25) e aceita a resposta pela metade (6-27).

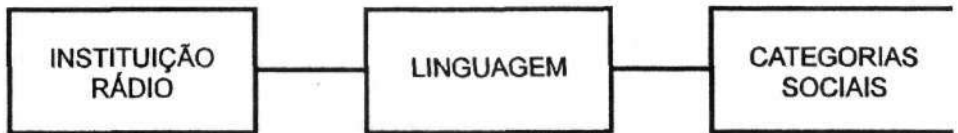
L protege sua face positiva ao mostrar-se gentil e compreensivo para com O e o público; e a de O, por este não perder o prêmio.

Á FM não apresentou programas de entrevista durante o período de coleta de dados. Note-se que este tipo de programação existe, mas é raro na FM.

4. Conclusão

Os mídias, e, em particular, o rádio, se caracterizam como instituições de comunicação, segundo Gerbner (1967), por terem "seus próprios modos de selecionar, compor, registrar e partilhar símbolos e imagens." Põe-se uma questão: partilhar símbolos e imagens com quem e de que maneira? De Fleur (1976) oferece uma resposta. Para ele, a teoria das categorias sociais "supõe que há vastas coletividades, agregados ou categorias sociais cujo comportamento é mais ou menos uniforme".

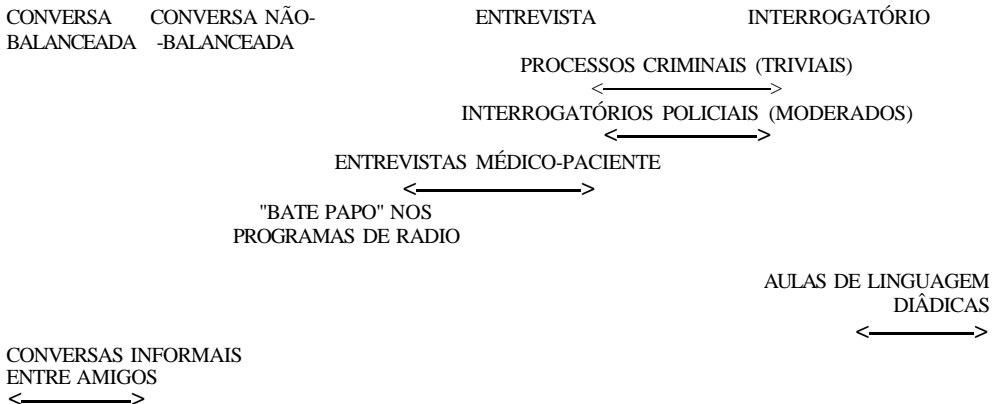
Dado o seu caráter institucional, as rádios tentam fazer com que a programação capte a atenção do ouvinte, por meio de uma linguagem. Esquematicamente, teríamos o seguinte:



Neste contexto, então, temos as formas de poder. Ao locutor seria delegada a posição de poder na interação com o ouvinte ou com o entrevistado, por ser sujeito da instituição, ou seja, está numa posição que lhe confere um determinado *status* superior.

Entretanto, a análise dos dados mostra um aspecto complicador. O locutor deve preservar a face positiva do ouvinte sob pena de sua face negativa ficar caracterizada para o público. Neste último caso, o locutor perde audiência. O mesmo se dá com o entrevistado. Mas como as noções de poder e solidariedade funcionam no discurso radiofônico? Linell, Gustavsson e Juvonen (1988), pesquisando programas de rádio na Suécia, verificam os seguintes níveis de poder:

FIGURA 3: Assimetria interacional em alguns tipos de interação social



A conversa balanceada implica simetria entre os participantes, enquanto a conversa não-balanceada implica assimetria. Assim, a interação quanto mais à direita estiver no quadro, mais é assimétrica. O tipo "bate-papo" nos programas de rádio se refere, coincidentemente à ILOt. No quadro, esse tipo constitui uma conversa não-balanceada e, portanto, assimétrica. Mas se situa entre um tipo simétrico, que é a conversa informal entre amigos, e as entrevistas médico-paciente que têm um grau maior de assimetria. Assim a ILOt, numa escala de poder, situando-se entre um tipo simétrico e um assimétrico imediato que não está no nível mais alto, define uma situação em que a relação de poder é moderada.

Tal relação de poder moderada ocorre na análise apresentada neste artigo. Nas rádios AM, na ILOt, o locutor tem poder devido a sua posição de sujeito, mas também precisa atender os fins econômicos e sociais da instituição à qual está ligado, e por isso empreende uma preservação da face positiva do ouvinte. O locutor faz isto moderando o poder na interação. Na IIE, o locutor está frente a um entrevistado que tem uma posição de prestígio exterior à interação. São papéis socialmente equiparáveis, como registram Kress e Fowler (1979). O locutor, então, conduz a entrevista mantendo um tom cordial e apelando a formas de tratamento solidárias com o fim de manter o interesse do público na audiência.

Por outro lado, na FM, devido ao seu conceito de "rádio de lazer", as formas de poder tendem a aparecer menos. Temos uma situação em que a preservação da face positiva do ouvinte é o objetivo mais importante na interação.

Referências Bibliográficas

- Brown, P. & Levinson, S. Universais in language usage: politeness phenomena. In: Goody, E. N. (eds.). *Questions and politeness: strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, pp. 56-289.
- Defleur, M. *Teorias da comunicação de massa*. New York: Gordon & Breach, 1979-
- Fairclough, N. *Language and power*. London: Longman, 1989-
- Gerbner, G. Os meios de comunicação de massa e a teoria da comunicação humana In: Dance, F.E.X. (org.). *Teoria da comunicação humana*. Trad. Álvaro Cabral e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1967, pp. 57-82.
- Goffman, E. On face-work.: an analysis of ritual elements in social interaction. In: Laver, J. e Hutcheson, S. (eds.). *Communication in face-to-face interaction*. Harmondsworth: Penguin, 1972, pp. 319-346.
- Hodge, R. & Kress, G. *Social semiotics*. Cambridge: Polity Press, 1988.
- Kress, G. & Fowler, R. Interviews. In: Fowler, R.; Hodge, B.; Kress, G.; Trew, T. (eds.). *Language and control*. London: Routledge & Kegan Paul, 1979, pp. 46-62.
- Labov, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- Linell, P.; Gustavsson, L.; Juvonen, P. Interaction dominance in dyadic communication: a presentation of initiative-response analysis. *Linguistics*, 26(3):415-442, 1988.

- Magalhães, M. I. S. A conversa tem suas próprias exigências: um estudo de marcadores conversacionais. XI Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro: PUC, 1988.
- Maitland, R. & Wilson J. Pronominal selection and ideological conflict. *Journal of Pragmatics*, 11(4):495-512, 1987.
- Orlandi, E. P. *Discurso e leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- Schiffrin, D. Discourse markers: semantic resources for the cOnstruction of conversation. Tese de doutoramento, Universidade de Pennsylvania, 1982.

Apêndice

Sistema de transcrição

1 - SIGLAS

L = locutor

O = ouvinte

E = entrevistado

ILOt = interação locutor-ouvinte por telefone

ILE = interação locutor-entrevistado

- 2 - A numeração no fim de cada exemplo se refere ao controle da fita, fornecendo o número da fita, lado em que está a conversa e o número da conversa.
- 3 - A transcrição não leva em conta as regras gramaticais. Tenta-se transcrever refletindo o momento da fala, ou seja, como ela ocorreu.
- 4 - Gravações

[] = fala simultânea

(+) = pausa

/ = truncamento pelo falante

/ = interrupção pelo outro falante

MAIÚSCULA = ênfase

: = alongamento de vogal

:: = alongamento maior de vogal

(()) = comentários do analista

«* = entonação ascendente

** — entonação descendente

= => = entonação média

... = transcrição parcial do texto pelo analista